

## **Explorando a Fronteira entre Liberdade de Expressão e Discurso de Ódio: Uma Análise sobre o discurso de ódio misógeno nos perfis do Instagram de Janja Silva e Michelle Bolsonaro<sup>1</sup>**

Thâmara ROQUE<sup>2</sup>

Janaine AIRES<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

### **RESUMO**

A pesquisa tem como objetivo fazer uma análise crítica dos discursos presentes nos perfis no *Instagram* da atual primeira-dama do Brasil, Janja Silva, e da antiga primeira-dama do Brasil, Michelle Bolsonaro e como essas figuras públicas podem influenciar os comentários nas publicações, buscando identificar a presença de discursos de ódio. Para elaboração da pesquisa recorreremos a uma análise bibliográfica e exploratória. Sendo assim, percebeu-se que a relação entre polarização e discursos de ódio está entrelaçada na desinformação e pesquisas sobre essa temática são necessárias para desenvolver estratégias e promover a tolerância e o respeito mútuo.

**PALAVRAS-CHAVE:** liberdade de expressão; discurso de ódio; mídia; *instagram*; comunicação.

### **Introdução**

O discurso de ódio na política é uma ameaça crescente à democracia, especialmente quando se manifesta em plataformas de mídia social como o *Instagram*. Esta forma de comunicação polarizadora não apenas fragmenta a sociedade, mas também fomenta o conflito e a intolerância. O presente artigo busca explorar como os perfis no *Instagram*, da atual e ex-primeira dama, respectivamente, Janja Silva e Michelle Bolsonaro, contribuem para esse fenômeno, examinando como suas postagens e interações podem influenciar a propagação do discurso de ódio e a polarização política. A pesquisa foi realizada metodologicamente através pesquisa bibliográfica e observação direta.

Para Recuero (2009) a rede social é composta por dois grupos: atores e conexões, que com o auxílio da internet possibilita mais interação dos usuários e maior

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos de/em Comunicação, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM), da UFRN, E-mail: [roquethamara@gmail.com](mailto:roquethamara@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutora e Professora do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (PPgEM) da UFRN, E-mail: [janaine.aires@ufrn.br](mailto:janaine.aires@ufrn.br)

propagação das informações de forma mais rápida. A autora ressalta que a internet transformou a forma de agir da sociedade, fazendo com que a comunicação seja feita através do computador mais expressiva. Segunda a autora, uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais). Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. (Recuero, 2009, p. 24)

As redes sociais é um espaço “formado por um agrupamento de pessoas ou organizações, que se unem com o objetivo em comum de estabelecer relacionamento e debater assuntos de interesse” (Teixeira, 2013, p. 16). Porém o que temos visto atualmente nas redes sociais, principalmente no *Facebook* (que é a rede social mais utilizada no Brasil), é um abuso da liberdade de expressão e intolerância com opiniões alheias.

Podemos considerar os indivíduos que utilizam uma linguagem violenta e agressiva com as pessoas que não concordam com sua forma de pensar como disseminadores do discurso de ódio. Luna e Santos (2014, pp. 232-233) conceituam o comportamento do discurso de ódio baseado nas ideias de Brugger, pode ser definido como toda manifestação que ofenda os membros das minorias tradicionalmente discriminadas, que estão em inferioridade numérica ou em situação de subordinação socioeconômica, política ou cultural, simplesmente por serem o que são.

Os indivíduos encontram nas redes sociais o local propício para opinar sobre diversos assuntos acreditando que a internet é um espaço sem dono, porém alguns grupos que propagam o ódio nas redes sociais ultrapassam o limite da liberdade de expressão. Bolzan e Silva (2012) acreditam que quando o discurso desqualifica uma pessoa, incitando a violência e criando um destinatário como “inimigo” por não compartilhar dos seus pensamentos está abusando e afrontando a dignidade da pessoa humana, ferindo o direito da democracia.

O ódio político sempre existiu, mas ganhou maior proporção com os avanços das tecnologias, possibilitando emergir na rotina de grande parte da sociedade. Dessa forma percebemos um novo modelo de relações sociais, onde existe um local para ampliar a liberdade de expressão entre a população. Porém, quando existem divergências no pensamento, as pessoas utilizam linguagens agressivas e violentas, que

passa a ser uma briga ideológica e torna-se um abuso no direito de liberdade de expressão.

Presente em todos os portais de notícias e jornais de grande circulação no Brasil, temas familiares, vídeos de comédia *stand-up*, ambientes de trabalho, propagação de desinformação e principalmente nas redes sociais o discurso de ódio viralizou por todos os ambientes e intensificou ainda mais durante o período da campanha eleitoral presidencial deste ano.

Recuero (2018) explica que a facilidade de um indivíduo compartilhar um discurso, sem analisar o seu conteúdo e a quem ele se destina, em um momento de raiva pode gerar conflitos, visto que no cotidiano não nos expressamos como nas redes sociais. Na vida *offline*, dependendo da situação, as pessoas adaptam seu discurso, revelando informações específicas apenas a determinados amigos, enquanto optam por não compartilhá-las com outros amigos de contextos diferentes.

A intensa polarização política vivenciada no Brasil, que culmina com o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff em 2016, migra para as redes sociais e é um instrumento fundamental para o engajamento dessas plataformas, baseado, sobretudo, no discurso de ódio. Para Liriam Sponholz,

Este cenário se encaixa de forma simbiótica com a lógica das plataformas digitais de mídias sociais, nas quais os discursos de ódio passam a ser um gancho para interações. Por conta da sua lógica, tais plataformas abrem as portas e oferecem um palco tanto para atores sociais de extrema direita quanto para discursos de ódio das mais diversas fontes e em vários formatos, permitindo que estes se conectem entre si, formem redes e mobilizem atores sociais. Todos estes fatores mostram que os discursos de ódio *on-line* não são um problema social, e sim sociotécnico, que não pode ser resolvido sem envolver a governança das plataformas digitais. (Sponholz, 2020, p. 235)

Portanto, a lógica que organiza estes tipos de interação afeta não somente as pessoas envolvidas, mas contribuem fortemente para o processo de desdemocratização. Trata-se de uma forma de incivilidade (Sodré, 2021), na qual o ódio se associa às lógicas midiáticas de engajamento e de visibilidade, e afeta diretamente a estrutura política. Segundo Fiss (2005, p.47) “o discurso de incitação do ódio tende a diminuir a autoestima das vítimas, impedindo assim a sua integral participação em várias atividades da sociedade civil, incluindo o debate público”. A pesquisadora Samantha

Meyer (2009, p.97) ressalta que as manifestações de ódio na internet “incitam à discriminação racial, social ou religiosa em relação a determinados grupos, na maioria das vezes, as minorias”. Considerando que os casos analisados se referem a mulheres que estão vinculados diretamente à política mesmo que não exerçam cargos eletivos, devemos tratar também como uma violência política de gênero.

Sabemos que a liberdade de expressão é um direito fundamental para qualquer pessoa, seja ela física ou jurídica. Porém, o público que interage nas publicações, tanto nos perfis do *Instagram* da atual primeira-dama do Brasil, Janja Silva, e da antiga primeira-dama do Brasil, Michelle Bolsonaro, extrapolam a liberdade de expressão que tem seu limite quando prejudica os direitos alheios. Não se pode usar a liberdade para profanar com xingamentos que firam a privacidade de outras pessoas. Nesse ponto, não se trata mais de liberdade, mas sim de opressão, discurso de ódio. Mesmo de espectro políticos divergentes, ambas sofrem misoginia.

Pensando nos perfis do *Instagram* de ambas, encontramos nos comentários das publicações discursos de ódio e intolerância. Essa realidade reflete não apenas as divergências políticas e ideológicas presentes na sociedade brasileira, mas também os desafios enfrentados nas plataformas em lidar com o discurso de ódio e a intolerância. Nos comentários, é possível encontrar ataques pessoais, linguagem agressiva, disseminação de desinformação e até mesmo ameaças, mostrando como as redes sociais podem se tornar espaços de confronto e de divisão. Esses comportamentos prejudiciais não apenas afetam as próprias figuras públicas, mas também contribuem para criar um ambiente tóxico e polarizado para os usuários em geral.

Observamos que muitos comentários carecem de uma opinião ou de discurso coerente para contribuir efetivamente para um debate esclarecedor. Em vez disso, os discursos são superficiais, marcados pela desqualificação do interlocutor, frequentemente baseados em apenas um único argumento para afetar a imagem do outro

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Concluiu-se que os perfis de Janja Silva e Michelle Bolsonaro são espaços propícios de estudos para entendermos como podemos desenvolver meios de promover uma convivência mais saudável e respeitosa nas redes sociais. A análise desses perfis

pode oferecer *insights* sobre as dinâmicas de interação, as motivações por trás do discurso de ódio e da intolerância, e as estratégias eficazes para mitigar esses problemas.

Estudos nesse sentido podem contribuir para o desenvolvimento de políticas mais eficazes de moderação de conteúdo, para a criação de campanhas de conscientização sobre os impactos do discurso de ódio e da intolerância, e para a promoção de uma cultura de diálogo construtivo e empatia nas plataformas de mídia social.

Ao compreendermos melhor as dinâmicas presentes nos perfis de figuras públicas como Janja Silva e Michelle Bolsonaro, podemos trabalhar em direção a um ambiente *on-line* mais inclusivo, no qual o respeito às diferenças e a valorização do debate saudável sejam incentivados e protegidos.

## REFERÊNCIAS

MEYER-PFLUG, Samantha Ribeiro. **Liberdade de expressão e discurso do ódio**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2009.

ORTELLADO, Pablo. **A polarização não está nos deixando pensar**. Folha de São Paulo. 2017. Disponível em:  
<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/pabloortellado/2017/11/1936897-a-polarizacao-nao-esta-nos-deixando-pensar.shtml>

ORTELLADO, Pablo. RIBEIRO, Márcio Moretto. **Mapping Brazil's political polarization online**. The Conversation. 2018. Disponível em:  
<https://theconversation.com/mapping-brazilspolitical-polarization-online-96434>

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009

RECUERO, Raquel. **Como o ódio viralizou no Brasil**. Jornal da Região Sul. Ano 10. Nº 85. Outubro de 2018. Associação de Desenvolvimento Comunitário de Londrina. Matéria disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/como-o-%C3%B3dio-viralizou-no-brasil/a45097506>

SODRÉ, Muniz. **A sociedade incivil: mídia, iliberalismo e finanças**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

SPONHOLZ, Liriam. **O papel dos discursos de ódio (online) na ascensão da extrema direita: um aporte teórico**. Confluências | Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito, v. 22, n. 3, p. 220-243, 2 dez. 2020.